

O PROFESSOR DE ESPANHOL EM CURSOS LIVRES: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE ATIVIDADE

FREITAS, Luciana Maria Almeida de (UFRJ)

A presente comunicação visa a apresentar um projeto de tese em desenvolvimento cujo objetivo é analisar o trabalho do professor de Língua Espanhola que atua em cursos livres. É formulado a partir da abordagem ergológica da atividade (SCHWARTZ, 1997) e da concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003).

A seguir, o texto se organiza em duas sessões: a primeira, com algumas questões relativas ao ensino de espanhol em cursos livres; a segunda, com o quadro teórico da investigação e uma breve referência aos procedimentos metodológicos adotados.

O ensino de espanhol em cursos livres

A partir dos anos 1990, a expansão do ensino de Espanhol/Língua Estrangeira (E/LE) no Brasil torna-se um fenômeno. Se antes disso, ela ocupava uma posição secundária entre as línguas estrangeiras estudadas no nosso país, hoje é, indubitavelmente, a segunda em importância. Vem a reforçar essa situação a promulgação, em 5 de agosto de 2005, da Lei 11.161, que torna obrigatória a oferta da disciplina Língua Espanhola no ensino médio.

Diversos fatores da conjuntura nacional e internacional fizeram com que o Espanhol se tornasse a segunda língua estrangeira mais importante no Brasil. Muito se tem pesquisado e especulado sobre os motivos de tal crescimento e os fatores mais mencionados costumam ser o advento do Mercosul em 1991, o estabelecimento de diversas empresas espanholas no Brasil e o fato de o espanhol ser considerado atualmente a segunda língua internacionalⁱ.

Depreende-se, portanto, uma forte motivação econômica para a expansão do ensino de E/LE no Brasil e no mundo. Aliás, este fator demonstrou ser, pelo menos nos últimos 50 anos, preponderante para a difusão internacional das línguas estrangeiras, como ocorre com o inglês. Apesar de faltarem fontes estatísticas sobre o assunto, todos nós que somos professores de E/LE sabemos que, atualmente, a principal demanda é de jovens e adultos que desejam aprender o idioma para utilizá-lo em suas atividades profissionais ou de estudantes universitários que querem preparar-se para o mercado de trabalhoⁱⁱ.

Trata-se, portanto, de um público que é, potencialmente, para cursos livres de línguas, pois já se encontra fora do ambiente escolar. Mesmo no caso de universitários, não são muitos os cursos de graduação que oferecem Língua Espanholaⁱⁱⁱ e, por essa razão, também acabam recorrendo a cursos livres.

No entanto, o ensino de Língua Espanhola em cursos livres é uma área quase inexplorada no Brasil no que diz respeito aos estudos acadêmicos. Isso ocorre apesar da enorme proliferação de instituições que, nos últimos 15 anos, vêm dedicando-se ao ensino não regular de Espanhol, seja de forma exclusiva, seja em concomitância com outras línguas estrangeiras.

Como um exemplo dessa carência de investigações, é possível citar o próprio desconhecimento da história do estabelecimento da língua espanhola nos cursos livres. Enquanto há alguns estudos acerca da história do espanhol no ensino regular (DAHER, 2007; PARAQUETT, 2006; PICANÇO, 2003; FREITAS; BARRETO; MARESMA, 2006; CELADA; GONZÁLEZ, 2000; SOTO, 2004), no que diz respeito aos cursos livres

no Rio de Janeiro, a única referência conhecida anterior à década de 1980 é a atuação do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, fundado em 30 de maio de 1956.

Desse modo, se por um lado esta pesquisa se justifica em virtude da ausência de pesquisas sobre o seu objeto – os cursos livres –, por outro, não se vêem investigações preocupadas em analisar a situação de ensino como uma situação de trabalho do professor. Como afirma o lingüista francês Faïta (2005), o estudo dos modos pelos quais o professor se investe na realização de suas tarefas é um campo que carece de investigações.

É também fundamental mencionar que o trabalho do professor de cursos livres se reveste de características distintas daquelas do docente do ensino regular. Seguindo os passos de Daher e Sant’Anna (2007), é possível ver aí alguns elementos que tangenciam a visão taylorista do trabalho como, por exemplo: a divisão entre os que executam (os professores) e os que decidem e pensam (os coordenadores, diretores e autores de materiais); o estudo do tempo e dos movimentos (das atividades, do professor e dos alunos); a proposta modelizada de trabalho, que se aproxima de uma “mecanização da produção”; os “treinamentos” de professores como tentativa de substituir sua formação acadêmica. Essas questões serão, a princípio, as privilegiadas na análise do trabalho do professor de cursos livres.

Para isso, o foco da investigação está nas práticas de linguagem do professor, mais especificamente nas suas falas sobre o seu trabalho (LACOSTE, 1998), e nos escritos normativos da sua atividade (SOUZA-E-SILVA, 2000) como, entre outros, os manuais do professor, programas das disciplinas e materiais didáticos utilizados. Assim, será possível, entre outros aspectos, contrastar o etos do professor construído por ele próprio nas falas sobre seu trabalho e nos escritos normativos que integram sua atividade, que costumam ser preparados por instâncias superiores da instituição de ensino.

Para concretizar a investigação, recorre-se ao quadro teórico da abordagem ergológica da atividade (SCHWARTZ, 1997) e da concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2003).

Por uma análise ergológica e dialógica

Tendo como objeto de pesquisa o trabalho do professor de espanhol em cursos livres, as pistas de Souza-e-Silva (2002, p.63) são fundamentais:

Eleger as interações no *trabalho* como objeto de estudo traz como consequência a necessidade de uma nova postura por parte do(a) lingüista, que é obrigado a recorrer a noções e/ou categorias de análise advindas de outras disciplinas e a fazer empréstimos diversificados no âmbito de sua própria disciplina [...]. (grifo nosso)

As outras disciplinas mencionadas pela lingüista são aquelas que têm como objeto a análise das situações de trabalho, como a Ergologia.

A abordagem ergológica do trabalho nasceu com as reflexões desenvolvidas pelo filósofo Yves Schwartz a partir de fins dos anos 70 e início dos 80 sobre os conceitos da Ergonomia situada, especialmente os de trabalho prescrito e real^{iv}. Outra influência importante na constituição da disciplina foi o conceito de comunidade científica ampliada criado por Ivar Oddone e seus colaboradores (SCHWARTZ, 2000, p.38-39). Oddone, um médico italiano que fez parte de um grupo de operários, cientistas, trabalhadores, estudantes e sindicalistas reunidos na Bolsa de Trabalho de Turim, criou

essa nova concepção de pesquisa, que se propõe a congregar os saberes formais dos cientistas e os informais dos trabalhadores. Formam-se, então, essas comunidades científicas ampliadas para produção de saberes sobre o trabalho (SCHWARTZ, 2000, p.38-39).

Tomando esses conceitos e reformulando-os, Schwartz propõe (2004a), então, uma nova abordagem do objeto trabalho. Para isso, sugere o estabelecimento de uma opacidade na sua reflexão, ou seja, pensá-lo como um objeto denso e não como uma obviedade ou algo transparente sobre o qual não há necessidade de uma abordagem em profundidade. Também recomenda seu tratamento como uma matéria “estrangeira”, que não pertence ao domínio do pensamento do analista, e sim como algo novo, que obrigue a aprendizagem e a reflexão sobre o trabalho. Isso é instituído pela Ergologia,

Um enfoque que tenta desenvolver simultaneamente no campo das práticas sociais e com o objetivo de elaboração dos conhecimentos formais, os dispositivos de três pólos onde for possível. Daí uma dupla confrontação: confrontação dos saberes entre si; confrontação dos saberes com as experiências da atividade como matrizes de conhecimentos ^v (INSTITUTE D'ERGOLOGIE, 2007).

Na concepção ergológica, o elemento universal no trabalho é o debate de normas (normas antecedentes e renormalizações), sua reformulação dos conceitos ergonômicos de trabalho prescrito e realizado. Para Schwartz, as normas antecedentes abarcam as prescrições, mas vão além delas, pois não se restringem à sua dimensão impositiva, do que é determinado exteriormente ao trabalhador. Elas são construções históricas que vão de elementos mais específicos, como as prescrições particulares para a realização do trabalho de um operador, aos mais amplos, como os políticos, econômicos e sociais. Incluem, portanto, os conceitos, os saberes científicos e técnicos, as aquisições da inteligência e experiência coletivas, as redes de poder e de autoridade, os valores do bem comum (SCHWARTZ, 2002a, p.135).

Essas normas antecedentes são renormalizadas durante a atividade, pois o trabalhador, com suas experiências e valores, institui a sua maneira de realizar o que foi prescrito. Na atividade, o trabalhador faz uso de si, ou seja, renormaliza as normas antecedentes criando a sua parte, mesmo que seja aparentemente minúscula, de forma a singularizar a atividade. Assim, segundo a abordagem ergológica,

Toda atividade humana é sempre, e em todos os graus imagináveis entre o explícito e o não-formulado, entre o verbo e o corpo, entre a história coletiva e o itinerário singular, o lugar de um debate incessantemente reinstaurado entre *normas antecedentes* a serem definidas a cada vez em função das circunstâncias e processos parciais de *renormalizações*, centrados na entidade atuante [...]. (SCHWARTZ, 2002a, p.135, grifos do autor)

Para Schwartz (2004a) o debate de normas pode ser ilustrado como a mira de uma luneta, em cujo centro, no cruzamento das normas antecedentes com o trabalhador, está situado o trabalho.

No que diz respeito à relação entre as Ciências do Trabalho e as da Linguagem, é importante ressaltar que a preocupação dos lingüistas com o estudo da linguagem em situação de trabalho é recente. Segundo Souza-e-Silva (2002, p.61-62), a colaboração interdisciplinar entre a Lingüística e as Ciências do Trabalho iniciou-se na França nos anos 80, com a formação dos grupos de pesquisa *Analyse Pluridisciplinaire des*

Situations de Travail (APTS) e *Langage et Travail* (L&T). Na década de 90, chegou ao Brasil, onde também se organizaram grupos de pesquisa, como o Atelier^{vi}.

No entanto, cabe ressaltar que essa preocupação com a linguagem em situação de trabalho que, como foi dito, remonta aos anos 1980, é parte da Linguística Aplicada. Contrastada com as demais propostas de pesquisa nessa disciplina, a abordagem da linguagem em situação de trabalho é singular porque vê as práticas languageiras, como diz Nouroudine (2002, p.21-22), “como parte da atividade em que constituintes fisiológicos, cognitivos, subjetivo, social etc., se cruzam em um complexo que se torne ele próprio uma marca distintiva de uma experiência específica em relação a outras”. Nesse sentido, França (2002, p.78-80) sustenta que uma abordagem dos estudos da linguagem no trabalho requer a criação de métodos adequados para cada situação específica, pois é um domínio no qual manifestações plurissemióticas (gesto, fala, escrita) são indissociáveis das práticas sociais não languageiras.

A abertura desse campo de reflexão é fundamental para a compreensão do trabalho. Não existe situação de trabalho em que não haja algum tipo de interação verbal, mesmo que ela não faça parte da realização da atividade *stricto sensu* e, como afirmam Faïta e Donato (1997, p.149), não é possível compreender e investigar as atividades sem as contribuições provenientes das trocas verbais entre os trabalhadores. Segundo França (2002, p.60, grifo da autora) “[...] a produção de conhecimento nas e sobre as situações de trabalho tem de dar lugar e ouvir a voz daqueles que têm a experiência no trabalho. São eles que sentem calor, se irritam e têm prazer no trabalho que estão fazendo”.

A primeira tentativa de recorte metodológico da análise da linguagem em situação de trabalho (FRANÇA, 2002, p.81) foi a distinção das falas proposta por Johnson e Kaplan, em 1979, e desenvolvida por Lacoste (1998).

Essa proposta diferencia a linguagem sobre, no e como trabalho. A linguagem sobre o trabalho é a produção de saber sobre a atividade, seja durante a sua realização, entre os próprios atores, seja em algum questionamento posterior, como por exemplo, quando o trabalhador é consultado por um pesquisador. A linguagem como trabalho é aquela que é utilizada durante e para a realização da atividade. Por fim, a linguagem no trabalho é que não se relaciona diretamente com a execução da atividade, mas que ocorre na própria situação de trabalho (LACOSTE, 1998).

A distinção das falas, apesar das suas limitações, tem a vantagem de ter sido a primeira tentativa de sistematização do problema e de ter provocado um deslocamento nas análises. Segundo Lacoste (1998), a explicitação de que a linguagem sobre o trabalho é diferente da linguagem como trabalho, deslocou a atenção dos analistas, que anteriormente centravam suas pesquisas nas falas dos operadores sobre seu trabalho e negligenciavam o papel da linguagem na própria atividade. Nouroudine (2002, p.18), por sua vez, ressalta que a complexidade do trabalho está na linguagem como um todo, mas se traduz de maneiras diferentes em cada um dos elementos da tripartição das falas.

No contexto de realização desta pesquisa, a distinção das falas é importante porque um dos objetivos pretendidos é a análise das falas dos professores sobre o trabalho que, como afirma Nouroudine (2002, p.26), pode fazer emergir informações relevantes sobre a atividade.

Cabe acrescentar que a concepção de linguagem adotada nesta dissertação é a do enunciado concreto e dialógico desenvolvido pelo círculo de Bakhtin (2003) que, em lugar de considerar a língua como um fenômeno abstrato, tal como concebida por Saussure, centra seus estudos no enunciado concreto como a “real unidade da

comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p.274).

De acordo com França (2004, p.125), a concepção dialógica de linguagem do círculo de Bakhtin vai ao encontro da complexidade do ser humano e do seu trabalho por considerar a língua como uma atividade concreta de trocas verbais. Dessa forma, tal concepção possibilita um estudo lingüístico-dialógico de situação de trabalho que integra ao fenômeno verbal o atributo “industrioso”, relativo à potência humana de agenciamentos da vida. A língua é, assim, concebida como fruto do trabalho humano de interações entre sujeitos que se dão nas mais diversas esferas de atividade. Para Bakhtin (2003, p.265), o dialogismo constitutivo da linguagem está presente em cada enunciado, pois “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua”.

Nessa perspectiva, o papel do lingüista que centra seus estudos nos enunciados concretos é o de um participante daquele diálogo:

A compreensão de enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). [...] Um observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado (BAKHTIN, 2003, p.332, grifo do autor).

Por meio da compreensão do enunciado concreto e dialógico como “real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p.274), a interface entre a Lingüística e as Ciências do Trabalho ganha uma nova dimensão: por um lado, não existe atividade humana sem uso da linguagem; por outro, não há linguagem fora de um campo da sua atividade humana.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Título original: Estetika Sloviésnova Tvórtchestva.

CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. M. **Los estudios de lengua española en Brasil. Anuario brasileño de estudios hispánicos**. Suplemento. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2000, p.35-55.

DAHER, D.C. Enseñanzas del español y políticas lingüísticas en Brasil. Ensino do espanhol e políticas lingüísticas no Brasil. **Revista Hispanista**, Niterói, n.27, 2007. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo216.htm>. Acesso em 2 fev. 2007.

_____; SANT'ANNA, V.L.A. **A formação profissional do professor de Espanhol língua estrangeira**. No prelo, 2007.

FAÏTA, D. **Análise Dialógica da Atividade profissional**. Rio de Janeiro: 2005.

_____; DONATO, J. Langage, travail: entre compréhension et connaissance. In: SCHWARTZ, Y. **Reconnaissances du travail** – Pour un approche ergologique. Paris: PUF, 1997.

FRANÇA, M.B. **Uma comunidade dialógica de pesquisa** - Atividade e movimentação discursiva nas situações de trabalho de recepcionistas de guichê hospitalar. 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PUC-SP, São Paulo.

_____. No princípio dialógico da linguagem, o reencontro do Homo loquens com o ser humano industrial. In: FIGUEIREDO, M.; ATHAYDE, M.; BRITO, J.; ALVAREZ, D. (org.). **Labirintos do trabalho**: interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FREITAS, L.M.A. **Espanhol para o Turismo**: o trabalho dos agentes de viagens. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, UERJ.

_____; BARRETO, T.A.; MARESMA, J. El español en Brasil: pasado, presente y futuro. **Boletín de la Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera** (ASELE), Málaga, v. 34, maio 2006, p. 41-50, 2006.

INSTITUTE D'ERGOLOGIE. **Proposition de "Vocabulaire ergologique"**, rédigé par Louis Durive et Yves Schwartz, 2001. Disponível em: <http://www.ergologie.com/>. Acesso em 01 fev 2007.

LACOSTE, M. Fala, atividade, situação. In: DUARTE, F; FEITOSA, V. **Linguagem & Trabalho**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998.

MORENO, F. El Español en Brasil. **El Español en el Mundo. Anuario del Instituto Cervantes**, 2000. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/obref/anuario/anuario_00/. Acesso em: 08 set. 2002.

NOUROUDINE, A. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA-E-SILVA, M.C.P.; FAÏTA, D (eds.). **Linguagem e Trabalho** – construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002b.

PARQUETT, M. As dimensões políticas sobre o ensino da língua espanhola no Brasil: tradições e inovações. In: MOTA, K.; SCHEYERL, D. (org.). **Espaços Lingüísticos**. Resistências e expansões. Salvador: UFBA, 2006, p. 115-146

PICANÇO, D. C. L. **História, memória e ensino de espanhol (1942-1990)**. Curitiba: UFPR, 2003.

SCHWARTZ, Y. **Reconnaissances du travail** – Pour un approche ergologique. Paris: PUF, 1997.

_____. A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes. **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, n.7, jul/dez, 2000, p.38-46.

_____. Disciplina Epistêmica Disciplina Ergológica – Paideia e Politeia. **Pro-Posições**. Campinas, vol.13, n.1 (37), jan/abr, 2002a, p.126-149.

_____. **Transmitir e ensinar**: entre saberes acadêmicos e recriações da experiência. Como fazer com isso seu ofício do professor? Conferência debate realizada na UNIRIO. Rio de Janeiro, 2004a. Notas. Mimeo.

SOTO, U. *Stricto sensu: regularidades e dispersão na pesquisa em língua espanhola*. In: PARAQUETT, M.; TROUCHE, A. **Formas & linguagens: tecendo o hispanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: CCLS Publishing House, 2004.

SOUZA-E-SILVA, M.C.P. *Os escritos no trabalho*. I CONGRESSO E IV COLÓQUIO DA ASSOCIAÇÃO LATINOAMERICANA DE ESTUDOS DO DISCURSO In: **Atas....** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

_____. *A dimensão languageira em situações de trabalho*. In: _____. FAÏTA, D (eds.). **Linguagem e Trabalho – construção de objetos de análise no Brasil e na França**. São Paulo: Cortez, 2002.

ⁱ Para um aprofundamento acerca desses fatores, veja-se Freitas (2004) e Moreno (2000)

ⁱⁱ É possível que com a implementação da Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005, haja uma mudança significativa nesse panorama. No entanto, a criação dessa nova demanda não anula a outra.

ⁱⁱⁱ Em pesquisa anterior (FREITAS, 2004), detectou-se que até mesmo nas Graduações em Turismo, nas quais o ensino de Línguas Estrangeiras deveria ser uma das prioridades, dos 20 cursos oferecidos em nosso estado, apenas 11 oferecem Língua Espanhola. Desses, a maioria (6 cursos) oferece apenas dois semestres da língua, o que, sem dúvida, é insuficiente.

^{iv} Segundo a abordagem situada, por um lado está o trabalho que é prescrito pela empresa ao trabalhador dentro de condições determinadas e de resultados esperados. Essa é a sua tarefa, aquilo que é estabelecido aprioristicamente e que se constitui em um conjunto de normas e procedimentos que devem ser seguidos na situação de trabalho. Por outro, está o trabalho real, aquilo que o trabalhador efetivamente faz para dar conta da sua tarefa, a partir de condições reais e com resultados efetivos. Essa é a sua atividade, o modo como o trabalhador cumpre seus objetivos.

^v Tradução nossa: “C’est une démarche qui tente de développer simultanément dans le champ des pratiques sociales et dans la visée d’élaboration des savoirs formels, des dispositifs à trois pôles partout où c’est possible. D’où une double confrontation: confrontation des savoirs entre eux; confrontation des savoirs avec les expériences d’activité comme matrices de savoirs”.

^{vi} Grupo de pesquisa sediado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC/SP e que conta com parcerias na UERJ, USP, UNISINOS, UFPE, UNIRIO e UFMT.